

JESUÍTAS PEDEM SOLIDARIEDADE
DE INSTITUIÇÕES DA UE

■ PÁG. 10

LAUDATO SI', ENCÍCLICA DO PAPA
FRANCISCO, FAZ 5 ANOS

■ PÁG. 11

CÚRIA GERAL: O CUIDADO DA
MISSÃO APÓS A COVID-19

■ PÁG. 23



INFORMATIVO DOS
JESUÍTAS DO BRASIL

EDIÇÃO 65
ANO 7
MAIO 2020

Em companhia



SOLIDARIEDADE É O CAMINHO

**Em meio a tanta dor, a pandemia trouxe a urgência de olhar
o outro com compaixão e cuidado, assim como fez o samaritano**

ESPECIAL PÁG. 12

C. PASTOR

9 de junho



São José de Anchieta

Apóstolo do Brasil e
padroeiro dos Jesuítas Brasil



IESUITAS BRASIL

Oração a São José de Anchieta nas Epidemias

Ó São José de Anchieta,
Apóstolo do Brasil,
a quem confiamos a saúde de corpo e da alma do povo desta terra,
que encontraste boa saúde nestes trópicos
e recomendaste as terras do Brasil,
vem em nosso auxílio,
diante desta grande calamidade que nos assola.
Foste tu que te colocaste entre a sala de aula e a enfermaria
socorrendo muitos filhos e filhas
que te procuravam na missão de Piratininga,
atormentados por inúmeras enfermidades e epidemias.
Foste tu que, na carência total, te fizeste médico
e com as plantas desta terra encontraste
veículo para novas medicinas.
Foste tu que movido pelo zelo do Evangelho
tentaste salvar a muitos por meio da Palavra e da Eucaristia.
Aumenta em nós a fé, a esperança e a caridade, para que,
movidos pelos mesmos sentimentos de Cristo,
possamos servir aos mais pobres e necessitados.
Como foste “tudo para todos”, faze-nos colocar toda a nossa
confiança nas mãos de Cristo Jesus,
para que, no nosso pôr do sol, brilhe vitoriosa a luz do Cristo.
Que a Virgem Maria rogue por nós,
em nossas agonias e angústias,
dando-nos seu Filho Jesus
como remédio para a nossa vida.

São José de Anchieta, roga por nós! Amém

6

EDITORIAL

- Cuidado, solidariedade e esperança
Ir. Raimundo Barros, SJ

7

CALENDÁRIO LITÚRGICO

8

ENTREVISTA +
PEREGRINOS EM MISSÃO

- Memórias, desafios e experiências
Pe. Bruno Franguelli, SJ

10

O MINISTÉRIO DE UNIDADE
NA IGREJA + SANTA SÉ

- Jesuítas pedem solidariedade de Instituições da União Europeia
- Semana de eventos celebrou o 5º aniversário da Encíclica *Laudato Si'*

12

ESPECIAL

- Tempos de esperança e solidariedade

20

AMÉRICA LATINA + CPAL

- Não vês isto? Faço novas todas as coisas (apc 21,5)
- CPAL lança nova edição da Revista Aurora
- CPAL realiza 39ª assembleia por videoconferência
- Caminho para continuidade
- Serviços mantidos na quarentena
- Seminário-oficina interno do SJPM sobre coronavírus

23

MUNDO + CÚRIA

- O cuidado da missão depois do coronavírus

24

SERVIÇO DA FÉ

- Isolamento solidário



SJMR Manaus distribui cestas básicas, materiais de limpeza e higiene, além de máscaras de proteção, para famílias migrantes que vivem na capital amazonense



25

NA PAZ DO SENHOR

- Pe. Aloysio Bohnen, SJ
- Pe. Miguel Elosúa Rojo, SJ
- Pe. Adolfo Nicolás, SJ

**EXPEDIENTE**

EM COMPANHIA é uma publicação mensal dos Jesuítas do Brasil, produzida pelo Escritório de Comunicação BRA.

COMUNICAÇÃO BRA

contato@jesuitasbrasil.org.br
www.jesuitasbrasil.org.br

DIRETOR EDITORIAL

Pe. Anselmo Dias, SJ

EDITORA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Silvia Lenzi (MTB: 16.021)

REDAÇÃO

Cristiane Garcia Azevedo
Maria Eugênia Silva
Silvia Lenzi

DIAGRAMAÇÃO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Érica Rodrigues

ESTAGIÁRIO

Wellerson Soares

COLABORADORES DA 65ª EDIÇÃO

Ana Ziccardi (Revisão), Bruno Victor e Ingrid Nascimento Oliveira.



Ir. Raimundo Barros, SJ
*Diretor-presidente da Rede
Jesuíta de Educação Básica*

A vida nos últimos meses ganhou contornos dramáticos, materializados em uma sentença: covid-19. A humanidade foi colhida para o meio de um turbilhão onde o desejo de globalização se concretizou de uma forma imprevisível até pelos mais iluminados de plantão.

De uma hora para outra, todos os povos e nações foram conhecendo os efeitos dessa sentença invisível e foram sendo tomados pela insegurança, pela incerteza e pelo medo. A quem combater? Contra quem se deve lutar? Como se proteger? Como sair desta?

As perguntas foram surgindo em profusão e o mundo foi sendo tomado pela presença assustadora do inimigo invisível. Os avanços da tecnologia e da medicina não conseguiram explicar o que estava acontecendo; os mercados não entenderam que a pandemia iria colocar de pernas para o ar todas as bases dos sistemas econômicos; os futurólogos não conseguiram captar as vibrações que traziam para a vida das pessoas a vertigem de uma possível contaminação. E muitos continuaram a acreditar que tudo poderia ser simples e corriqueiro; que logo se voltaria ao ideal de viver em Pasárgada.

E o que fazer para sobreviver a tudo isso? Como as pessoas e as instituições

CUIDADO, SOLIDARIEDADE E ESPERANÇA

estão trabalhando para viver, apesar desta tempestade com mar revolto? A resposta é uma construção diária, que muda numa velocidade impressionante e que ressignifica conceitos antes inquestionáveis, como o de urgência.

O corpo apostólico da Companhia de Jesus também está imerso nesta situação pandêmica e, mesmo tendo a esperança como força motriz, não foi uma ação tranquilizadora ter de suspender atividades, parar o atendimento presencial nos colégios, centros sociais, universidades, paróquias etc. Foi como se o fluxo sanguíneo tivesse de ser interrompido para poder garantir a vida, por mais paradoxal que isso possa parecer.

Entretanto, a suspensão de atividades presenciais nas obras da província mostrou uma capacidade criativa impressionante. Em pouco tempo, a mobilização das pessoas foi capaz de criar novas redes de cuidado, de compartilhamento e de trabalho comum.

O presencial não foi nem será substituído, mas já garantiu o aprendizado de que ele não é imprescindível. A comunicação ganhou nova força e as redes cresceram significativamente na relevância para garantir apoio para situações de pessoas e obras.

Com o passar dos dias, os fluxos de trabalhos foram encontrando conformidades: a maioria dos colaboradores está executando suas atividades em casa; as instituições de educação estão garantindo atividades remotas para os alunos; a assistência emergencial das obras voltadas para esse fim continuam, mesmo com algumas limitações; muitos serviços religiosos estão acontecendo por

meio de redes sociais e outras tecnologias que ajudam a conectar pessoas.

Todavia, a velocidade com que tudo isso acontece vem gerando cansaço e movimentos de exaustão. Não é somente uma questão de pressa, mas também de viver na insegurança sobre a própria vida, o que exige muita atenção e cuidado.

Dar conta de tudo isso implica desgastes emocionais ainda impossíveis de mensurar, mas que já sinalizam a necessidade de criar estruturas de cuidado, de apoio e de trabalho em novas bases relacionais.

As obras já estão envolvidas no planejamento da retomada das atividades presenciais, embora ainda haja muita incerteza sobre quando isso será possível. O esforço de preparação para a nova normalidade parece ter dois sentidos: o primeiro é o de organização institucional para dar conta de novas demandas no desenho de espaços laborais, novos cuidados de higiene etc.; o segundo é o de buscar referencialidades concretas para um momento em que está tudo muito fluido. É como se tivéssemos de buscar terra firme, mesmo sabendo que a tempestade é longa e a linha do horizonte ainda não desponta com a vista de um porto seguro.

Se o grito é “Fique em casa!”, na certeza de que tudo “vai passar!”, o cuidado é a dimensão que deve ligar todas as decisões do corpo apostólico. É pelo cuidado que serão reconhecidas e legitimadas as ações. E é pelo mesmo cuidado que a proximidade com os mais vulneráveis deve carimbar a presença da Companhia de Jesus na luta e na garantia de esperança nas mais diferentes frentes de missão. ■

CALENDÁRIO LITÚRGICO
PRÓPRIO DA COMPANHIA DE JESUS

JUNHO

DIA 8

São Tiago Berthieu



DIA 9

São José de Anchieta



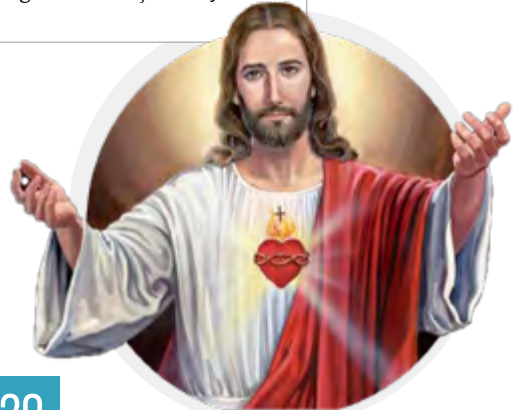
DIA 11

Corpus Christi



DIA 19

Sagrado Coração de Jesus



DIA 29

São Pedro e São Paulo



DIA 21

São Luis Gonzaga





Pe. Bruno Franguelli, SJ

MEMÓRIAS, DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS

“A formação na Companhia sempre ampliou meus horizontes de fé e de vida e lançou-me, apesar das minhas resistências, a encontrar-me com o mundo”, revelou Pe. Bruno Franguelli. O jesuíta, de apenas 32 anos, é também poeta, escritor e comunicador. Já esteve em missão na Amazônia Peruana e foi vice-reitor do Santuário Nacional de São José de Anchieta, no Espírito Santo. Atualmente, vive em Roma (Itália), onde faz o curso de Especialização em Meios de Comunicação Social e colabora na Rádio Vaticano. Conheça um pouco mais da história do Pe. Bruno em entrevista concedida ao **Em Companhia**.

► Conte-nos um pouco sobre sua história, família, onde nasceu...

Nasci em Sorocaba (SP), sou menino do interior, mas já digo de passagem que as músicas de estilo sertanejo universitário nunca me agradaram. Precisei deixar a cidade interiorana para descobrir que existiam outros estilos musicais (risos). Sou o primeiro de quatro irmãos. Ainda criança, comecei a descobrir que a Igreja tinha um gosto diferente para mim. Menino, ainda sem entender das coisas sagradas, já me sentia absorto pela beleza do mistério de crer. Admirava a roupa bonita do padre, gostava de brincar de Missa vestido com a camisa grande dos adultos e, ainda sem saber ler, fazia “pregações” interpretando as figuras de uma velha Bíblia ilustrada que minha mãe conservava desde sua infância. Parece engraçado, quando penso num primeiro momento de fé vocacional, lembro vagamente, como memória que o coração não quis esquecer: antes dos cinco anos, como pajem de honra de um matrimônio

de parentes, cheguei próximo ao altar para entregar as alianças aos noivos e vi um padre pela primeira vez. Eu era criança demais para entender o que estava acontecendo, mas posso afirmar: naquele momento, teve início em mim o que mais tarde eu reconheceria como chamado. Meus familiares, que dificilmente frequentavam a Igreja, nunca compreenderam como isso começou. Eu também não consigo explicar. Parece que foi Clarice Lispector quem disse: “Com todo perdão da palavra, eu sou um mistério para mim.”

► Como conheceu a Companhia de Jesus? Por que decidiu ser jesuíta?

Essa pergunta me persegue com muita frequência e penso que jamais estarei livre dela. Surge dos outros, nasce de mim. Inspiração é algo sagrado. Sacramento celebrado nas liturgias da existência. Olho para a minha história e busco mil maneiras de responder à questão. A recordação me socorre e me devolve o menino que deixei escapar há alguns anos. A memória tecida

de descobertas infantis responde: minha inspiração para ser jesuíta se chama José de Anchieta. Posso dizer que foi ele quem me apresentou seu primo, Inácio de Loyola.

Ouvi falar de Anchieta e dos jesuítas pela primeira vez nas aulas de História do Brasil. Lembro-me de que, embora meus professores soubessem muito pouco da vida desses homens, ensaiavam seus conhecimentos contando sobre a fundação da cidade de São Paulo e a ousada Ordem religiosa à qual Anchieta pertencia. Os minutos finais da aula eram dedicados à pintura de um desenho do apóstolo. Eu, sem muito entender a profundidade daqueles ensinamentos, ficava imaginando-me parte daquelas incríveis missões. No álbum de fotografia da família, uma das primeiras fotos registra um fato curioso, talvez profético: minha mãe, abrindo o ventre, apoiada sobre uma pedra conhecida como cama de Anchieta, local em que, segundo críveis relatos, o santo permanecia longas horas para orar e descansar de suas longas viagens.

Acho que Deus se sente mais à vontade para passear em nossas vidas quando nos permitimos saborear o dom da simplicidade. Ele mora nas minhas recordações. Acho que é por isso que sou encantado por Anchieta. Ele encontrou a Deus nas veredas da simplicidade. Já aos 16 anos, comecei o discernimento na Companhia, aos 17, vivi uma experiência maravilhosa na Comunidade Vocacional e, aos 18, entrei no Noviciado da Companhia.

► **Quais as experiências mais marcantes que o senhor vivenciou durante sua formação como jesuíta?**

Minha formação na Companhia é tecida de experiências marcantes, algumas bem exigentes e difíceis. Recordo-me de dois momentos em particular. O primeiro foi durante o tempo do magistério em que vivi em uma ilha na Amazônia peruana. Distante dos rumores e também das atrações urbanas, foi incrível conhecer de perto uma cultura indígena, aprender com seus costumes, mas, ao mesmo tempo, foi desafiante e bem doloroso. A vida na selva não é para qualquer um. Há pouco tempo, recebi a triste notícia de que o padre Carlos Riudavets, com quem dividi aqueles difíceis dias de missão, foi terrivelmente assassinado ao lado do quarto onde morei. De fato, viver na selva é um martírio.

O outro momento que me recordo é de uma pequena missão humanitária que realizei por meio do JRS (Jesuit Refugee Service), no Quênia. Outra vez me encontrava em um local isolado e difícil, porém muito mais desafiante. Tratava-se de um campo de refugiados. Local onde faltava tudo, mas encontrava as pessoas sorrindo. Lá, as celebrações eucarísticas duravam mais de três horas e as pessoas se despediam tristes porque a Missa tinha terminado. No momento da procissão das oferendas,

todo mundo se levantava para oferecer algo. Ninguém ali era pobre. Foi lá também que tive mais contato com pessoas de religião muçulmana. Emociono-me ao lembrar a dedicação deles no cuidado dos outros. Na despedida, não resisti e lhes confessei: “não sei se compreendem o que quero lhes dizer, mas vocês me evangelizaram!”

A verdade é que a formação na Companhia sempre ampliou meus horizontes de fé e de vida e lançou-me, apesar das minhas resistências, a encontrar-me com o mundo. Se hoje compreendo um pouco mais sobre humanidade, foi mais graças às experiências que fiz do que aos estudos que concluí.

► **O senhor já publicou alguns livros. No nosso mundo hiperconectado, a arte da escrita ainda pode ser lugar de reflexão e aproximação com a alteridade?**

Ouvi dizer que Dom Luciano Mendes de Almeida sempre aconselhava os jovens jesuítas a escrever. Eu me arrisquei nessa aventura. Parece que, aos poucos, escrever tornou-se uma necessidade para mim. É sábio da parte de Santo Inácio orientar os jesuítas a anotar suas moções e consolações não somente para que delas se recordassem, mas também para que revisitassem suas próprias palavras. No caso de uma publicação, quando se escreve pensando que alguém vai ler, a palavra se faz partilha. É delicioso ouvir um *feedback* de alguém dizendo que nossas palavras lhe fizeram bem. Rubem Alves dizia que escrever é uma ação antropofágica. Acredito muito nisso.

► **Atualmente, o senhor está cursando uma especialização em Meios de Comunicação Social, em Roma (Itália). Qual a razão de estudar comunicação, como essa formação vai ajudá-lo na realização da missão?**

Partindo do pressuposto de que é impossível não comunicar, posso dizer que todos, de algum modo, estamos inseridos nesse complexo mundo comunicativo. Meu objetivo é estudar para comunicar melhor e adquirir algum conteúdo que sirva como meio para comunicar eficazmente a Boa Notícia da nossa salvação: Jesus e seu projeto de Vida em abundância para todos. Com base no que sinto e vejo, percebo que, na vida acadêmica, é muito fácil esquecer-me da razão fundamental pela qual estou inserido ali e encantar-me por outras perspectivas. Mas, sem fechar-me a elas, peço sempre a graça de não perder de vista o real motivo dos meus estudos como jesuíta.

► **Neste momento, existem muitos prognósticos que afirmam que o distanciamento social, por causa da covid-19, vai levar as sociedades a reverem valores e mudarem hábitos. O senhor concorda? A fé, na sua expressão profunda da espiritualidade, também passará por mudanças?**

Penso que os momentos de dificuldades podem servir como oportunidades de rever os próprios passos e dar um salto de qualidade na vida, ou não. Nos últimos tempos, tenho ouvido tanto falar de fé, de oração, de Missa, espiritualidade... Nas redes sociais, abundam missas on-line e celebrações das mais criativas. Temo que percamos a oportunidade de encontrar o silêncio que somente este momento pode nos oferecer. Inspiradoras são as palavras do Papa Francisco diante da praça de São Pedro vazia: “Pensávamos que continuaríamos saudáveis num mundo doente”. A realidade da *Kenosis* ainda nos assusta e parece-nos incompreensível. Só peço a Deus que, diante de tantas insanidades e ações desumanas, não percamos a fé na humanidade. ■

JESUÍTAS PEDEM SOLIDARIEDADE DE INSTITUIÇÕES DA UNIÃO EUROPEIA

A Conferência dos Provinciais Europeus da Companhia de Jesus, composta por Províncias presentes em todo o continente europeu e também pelo Próximo Oriente, cobrou respostas contra pressões isolacionistas e individualistas feitas em detrimento dos mais vulneráveis. A mensagem, enviada em 8 de maio pelos jesuítas para as instituições, apelou pela “autêntica solidariedade ética e social” para que a sociedade enfrente, unida, as dramáticas consequências do coronavírus.

No dia em que a Europa celebrou o 75º aniversário da vitória sobre o nazifascismo e o fim da Segunda Guerra Mundial, além do 70º aniversário da Declaração de Schuman, os jesuítas do continente pediram respostas solidárias à atual emergência, na consciência de que as graves consequências humanas e sociais da pandemia na Europa e no mundo só podem ser enfrentadas com a sociedade unida. “Nenhum de nós é um indivíduo isolado”, enfatizou a mensagem. A solidariedade, afirmam os provinciais je-

suítas, “deve ser manifestada na firme determinação de dedicar a própria vida e a energia ao serviço do bem comum”, testemunhada nas últimas semanas em muitos países “pelo comprometimento incansável e corajoso dos agentes de saúde, funcionários públicos e líderes políticos”.

“NÃO É POSSÍVEL VIVER SAUDÁVEL NUM MUNDO DOENTE.”

Papa Francisco

A Declaração Schuman foi a primeira proposta de organização de um mercado comum no continente europeu, considerada como a origem da União Europeia. Ela foi apresentada pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, em 9 de maio de 1950 - cinco anos após o fim da Segunda Guerra Mundial.

O documento, que também se destinou aos órgãos políticos, pediu a transformação “das estruturas de pecado que prejudicam as relações entre indivíduos e povos em estruturas de solidariedade”. A Europa, palco de conflitos históricos, recordam os jesuítas europeus, “é fruto dessa conversão institucional e, nela, encarna essa solidariedade”.

Outro pedido importante foi sobre o atual modelo de globalização, pois como afirmam os ensinamentos de Papa Francisco, não é possível viver saudável num mundo doente. Nesse sentido, a Europa é chamada para a “solidariedade global” com as partes do mundo mais expostas a esta crise. A mensagem reitera os apelos ao cancelamento de dívidas dos países pobres, mais ajuda humanitária, maior cooperação para o desenvolvimento e redução das despesas militares em favor das despesas para os serviços de saúde e sociais.

O destino dos migrantes, refugiados e requerentes de asilo também foi lembrado no documento, incluindo os que estão confinados na Europa: “A solidariedade europeia deve se estender urgentemente a eles”, afirmaram os religiosos.

Por fim, os provinciais jesuítas concluíram a declaração com o desejo de que esta crise possa servir como oportunidade de conversão espiritual para mudar radicalmente velhos hábitos excludentes e segregatórios, desenvolvendo a consciência de que “não podemos, como indivíduos ou como entidades políticas, retornar à ‘velha normalidade’”.



Fontes: Dom Total e PontoSJ

EVENTOS CELEBRAM O 5^o ANIVERSÁRIO DA ENCÍCLICA LAUDATO SI'

Entre os dias 16 e 24 de maio, aconteceu a Semana *Laudato Si'*, com o tema “tudo está interligado”. Promovido pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, o evento celebrou o 5º aniversário de publicação da Carta Encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado com a Casa Comum e marcou o início do Ano Especial dedicado à Encíclica, cujo objetivo, segundo o Pontífice, é “dar atenção ao grito da Terra e dos pobres” e culminará em uma conferência internacional em maio de 2021.

Fiéis católicos de todo o mundo, paróquias, comunidades religiosas, dioceses, escolas e outras instituições refletiram e aprofundaram seu engajamento com a *Laudato Si'* por meio de orações, reflexão sobre as ações já colocadas em prática. Juntos, também se comprometeram a dar o próximo passo em setembro, durante o Tempo da Oração, para o qual foram convidados pelo Papa Francisco a fim de celebrarem como um tempo anual de oração e ação pela nossa Casa Comum.

A celebração da semana contou com o *Retiro Laudato Si'*, feito em dois dias, com eventos de parceiros, workshops, treinamentos online com enfoque especial para esta jornada de transformação, abordando temas sobre ecoespiritualidade, sustentabilidade, defesa dos vulneráveis, e ações sociais, com sessões interativas e colaborativas para unir indivíduos católicos e instituições durante as reflexões propostas.

No domingo, 24 de maio, o evento foi encerrado com a Oração comum pela Terra e pela humanidade, dando início ao Ano Especial, que terá uma série de encontros para aprofundar a importância de uma ecologia integral, um

novo paradigma de justiça, em que a preocupação com a natureza, a equidade para com os pobres e o compromisso com a sociedade são inseparáveis.

Dividida em seis capítulos, a Encíclica, que leva o título da invocação de São Francisco de Assis no Cântico das criaturas, reúne várias reflexões das Conferências Episcopais do mundo. Nela, o Pontífice evidencia que a nossa Terra, maltratada e saqueada, requer uma “conversão ecológica”, uma “mudança de rumo”, para que o homem possa assumir a responsabilidade de “cuidar da Casa Comum”. Um compromisso que também inclui a erradicação da miséria, a atenção aos pobres e o acesso igual para todos a recursos do planeta. A Encíclica termina com duas orações pela proteção da Criação: uma inter-religiosa e outra cristã.

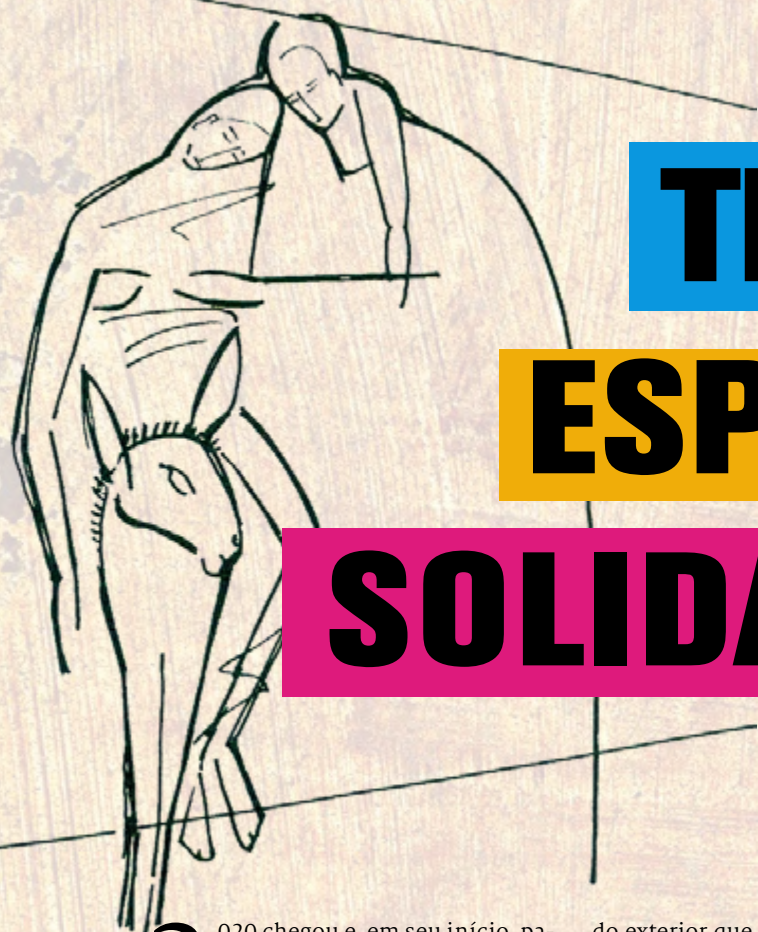
Em colaboração com outros parceiros e redes apostólicas da Companhia, o Programa MAGIS participou da Semana *Laudato Si'* e promoveu atividades incentivando a participação dos jovens. No dia 20 de maio, o Centro Inaciano da Juventude, em Fortaleza, fez uma transmissão ao vivo sobre Saúde Indígena e Estratégias de Solidariedade Coletiva em Tempos de Covid-19. No dia 24 de maio, o Espaço MAGIS Paraíba promoveu um diálogo com o padre Silas Silva em comemoração ao 5º aniversário da Encíclica. Mesmo após o encerramento, dia 25 de maio, o Centro MAGIS Amazônia promoveu um bate-papo com

Juscelio Pantoja e irmão Henriqueta Cavalcante, dois participantes do Sínodo Para Amazônia, resgatando os importantes resultados da *Laudato Si'*.

Para o diretor do Centro MAGIS Amazônia, irmão Davidson Braga, as lições aprendidas com os eventos, tanto para ele quanto para a juventude que participa do programa, são inúmeras. Ele destacou que a mensagem principal deixada pela encíclica é que a resposta mais eficaz para superar a crise atual é compreender o mundo por meio da ecologia integral.

“As lições aprendidas são muitas. A profundidade das reflexões, o alcance da *Laudato Si'*, a intensa troca de informações, os efeitos da pandemia no cotidiano das pessoas, mudanças de hábitos e resistências à mudança, a redução da emissão de CO₂ em todo o mundo (exceto no Brasil, onde aumentou devido à intensificação do desflorestamento). Tudo está intimamente vinculado e a principal mensagem da Encíclica precisa ser divulgada, conhecida, amada: não existe uma crise ambiental e outra crise social. Vivemos uma única crise que pede a atenção e ação de todos. A resposta mais eficaz é, sem dúvida, compreender o mundo através da ecologia integral”, disse irmão Davidson. ■





TEMPOS DE ESPERANÇA E SOLIDARIEDADE

2020 chegou e, em seu início, parecia um ano “normal”, como os anteriores, apesar de já circularem notícias de que uma nova epidemia despontava na cidade de Wuhan, na China. No Brasil, tínhamos a falsa sensação de que estávamos protegidos, porque parecia tudo distante demais para nos preocuparmos. No entanto, com o passar dos dias, o número de países afetados e de pessoas contaminadas pelo novo coronavírus não parava de crescer.

Ainda em janeiro, ciente de que se tratava de um surto sem precedentes, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decretou emergência sanitária global. Naquele momento, o vírus já estava espalhado em 18 países. Um mês depois, a Europa demonstrava os primeiros sinais de preocupação. Ainda assim, as autoridades brasileiras mantiveram o Carnaval, mesmo sabendo que havia o risco de o vírus se propagar pelo país, dado o grande fluxo de turistas. Naquele momento, acreditava-se que era

do exterior que vinha o maior risco de transmissão no Brasil.

O primeiro caso em território brasileiro foi confirmado em 26 de fevereiro, um dia após o fim do Carnaval e o primeiro dia da Quaresma, período em que somos chamados a elevar nosso olhar a Deus. Coincidência ou providência, o apelo da Campanha da Fraternidade 2020, escolhido dois anos antes, é extremamente pertinente ao momento em que estamos vivendo: *Fraternidade e vida: dom e compromisso e o lema Viu, sentiu compaixão e cuidou dele.*

Extraído da Parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 33-34), o lema da campanha quer “Conscientizar, à luz da Palavra de Deus, para o sentido da vida como Dom e Compromisso, que se traduz em relações de mútuo cuidado entre as pessoas, na família, na comunidade, na sociedade e no planeta, nossa Casa Comum” (CF 2020, Texto-base, p. 21).

Passados seis meses desde que a primeira infecção de covid-19 foi notificada na China, o mundo ultrapassou

5 milhões de casos confirmados e mais de 330 mil mortes provocadas pelo novo coronavírus. No Brasil, os números decorrentes da doença já ultrapassaram a marca de 350 mil infectados e 20 mil mortes, sem contar as possíveis subnotificações. Em 25 de maio, já figurávamos como o terceiro país no mundo com o maior número de casos, atrás apenas do Estados Unidos e da Rússia.

Em função desses números, estamos vivendo tempos difíceis em meio à pandemia e o momento exige esperança, coragem, atenção e muita solidariedade. O crescimento diário de casos da doença no Brasil e no mundo nos assusta e vem mudando drasticamente nossa rotina em todos os aspectos – social, profissional, familiar e religiosa.

Para enfrentar a pandemia, a Companhia de Jesus busca inspiração justamente na Campanha da Fraternidade 2020, na Encíclica *Laudato Si'* e nas quatro Preferências Apostólicas Universais, promovendo relações de cuidado mútuo entre as pessoas.

COMPROMISSO DE SERVIR O BEM COMUM

Ao longo de meio milênio de história, a ordem dos jesuítas sempre buscou ser presença segura e solidária junto aos irmãos e às irmãs em extrema vulnerabilidade social e empobrecidos, principalmente, em situações de emergência, cuidando do corpo, da saúde mental e do equilíbrio espiritual. Tradição que se mantém viva até os dias atuais...

Desde que as medidas de distanciamento social começaram a ser implementadas, as universidades, as escolas, as paróquias e as obras assistenciais que integram a Companhia de Jesus têm se mostrado atuantes e solidárias em meio à grave crise gerada pela pandemia. As iniciativas são inúmeras e criadas visando a finalidades específicas, que vão desde a doação de alimentos e produtos de higiene até o processamento de testes da covid-19. O corpo apostólico da Companhia continua avançando com as frentes de trabalho e redes de cuidado, buscando reduzir o avanço do coronavírus e atenuar os impactos da pandemia na vida de quem mais precisa. O **Em Companhia** reuniu abaixo algumas das ações já implementadas. No portal da Companhia de Jesus do Brasil (<https://www.jesuítasbrasil.org.br/>), você pode acompanhar outras iniciativas que também estão em andamento.

1. MOSTRAR O CAMINHO PARA DEUS

Para atravessarmos esse tempo com fé e esperança, é necessário manter acesa a chama da oração. Mesmo com as igrejas fechadas devido à pandemia do novo coronavírus, as paróquias e comunidades encontraram alternativas para a celebração de missas, para evangelizar, para mostrar o caminho para Deus mediante os Exercícios Espirituais e o discernimento, assim como sugere a primeira Preferência Apostólica Universal.

É o que fez o Mosteiro de Itaici, em Indaiatuba (SP), que está produzindo

*“AO LONGO DE MEIO MILÊNIO DE HISTÓRIA,
A ORDEM DOS JESUÍTAS SEMPRE BUSCOU
SER PRESENÇA SEGURA E SOLIDÁRIA JUNTO
AOS IRMÃOS E ÀS IRMÃS EM EXTREMA
VULNERABILIDADE SOCIAL.”*

do e divulgando em suas redes sociais vídeos diários com reflexões sobre o evangelho e um breve comentário motivacional para rezar. A ideia surgiu no início da pandemia atendendo aos pedidos dos fiéis que estão impossibilitados de participar das celebrações devido ao distanciamento social.

“Creio que é um meio de ajudar as pessoas neste momento em que vivemos. Sendo assim, podemos dizer que os vídeos Mosteiro em Oração colaboram com a primeira Preferência Apostólica no quesito de silenciar o coração e dedicar um momento para oração diária”, disse o Superior do Apostólico Indaiatuba e Campinas, Pe. Adilson Silva.

Além disso, o Mosteiro disponibilizou 117 dormitórios da casa de retiros para receber profissionais da saúde que estão trabalhando no combate à pandemia da covid-19 na cidade. A ação é voluntária e atende à solicitação da Prefeitura de Indaiatuba. “Muitos profissionais da saúde têm pais idosos, filhos pequenos ou mulheres

grávidas e, apesar de estarem na linha de frente, temem por suas famílias. O espaço é para que possam descansar entre um turno e outro e também para acolher os profissionais sob suspeita de contágio que aguardam a confirmação dos resultados de análises clínicas”, explicou Pe. Adilson.

Sensibilizado pela pandemia e pelo distanciamento social imposto por ela, o Pe. Carlos Alberto Contieri, reitor do Colégio São Luís (CSL), em São Paulo (SP), também decidiu compartilhar o bem pela internet e levar a palavra de Deus para toda parte. Para isso, lança podcasts semanais com reflexões sobre espiritualidade, que auxiliam no fortalecimento da fé.

Chamado de Podcast do Pe. Contieri, o projeto abrange as quatro Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus e é desenvolvido em conjunto com a equipe do Serviço da Fé e Espiritualidade do Colégio São Luís. O conteúdo está disponível no canal do CSL, na plataforma do Spotify. ➤





Para ouvir o Podcast do Padre Contieri, escaneie o QR code abaixo



ou utilize o link
<https://spoti.fi/2WXYzlp>

“Nosso desejo é ajudar as pessoas a viverem com esperança esse tempo de emergência e despertá-las para a urgência da solidariedade global apoiada na beleza da fé da Igreja”, afirmou o jesuíta.

Em entrevista ao **Em Companhia**, Pe. Contieri falou sobre a experiência. “Uma descoberta! Quanto bem se pode fazer e quantas pessoas se pode alcançar. Dom Luciano Mendes de Almeida dizia: “Na visão cristã, o bem vence o mal pelo amor.” Semeemos o amor! Na vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o amor venceu o ódio, a vida venceu a morte. Dessa vitória, nós somos herdeiros”.

No Santuário do Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo (RS), as orientações, os acompanhamentos e a direção espiritual presencial sempre foram frequentes. Com a pandemia, automaticamente os jesuítas colocaram-se à disposição para seguir o trabalho de forma remota.

“Estamos tendo uma grande oportunidade de inovar nossa ação apostólica no que tange a acolher e orientar nossos irmãos via telefone, e-mail, redes sociais e outros meios virtuais.

Isso exige de nós dedicação e muita paciência para ouvir tantos fiéis isolados. Muitos, ao telefone, só precisam de alguém com quem desabafar e encontram em nós aquele que os pode ouvir”, afirmou o reitor do Santuário, Pe. Raimundo Nonato.

Pensando no bem-estar dos seus colaboradores, o Colégio São Francisco Xavier (Sanfra), em São Paulo, desenvolveu um programa de escuta terapêutica. O atendimento é feito por um psicólogo, um integrante da pastoral escolar e um padre jesuíta e busca amenizar a ansiedade causada pelas mudanças de rotina, dificuldades, incertezas ou pelo distanciamento de amigos e familiares neste tempo de pandemia.

A diretora acadêmica do Sanfra, Kênia Virginia Ferreira, explicou a importância da iniciativa. “Todos estamos sendo afetados de alguma forma por esse período, e sabemos da importância de podermos ter o amparo, o acolhimento de alguém que nos escute sem críticas ou julgamentos. Além disso, é necessário também contribuir para que cada colaborador possa viver este momento de isolamento social de modo a contribuir com o seu crescimento pessoal, familiar e profissional”.

Desde o início do distanciamento social, a comunidade do noviciado Nossa Senhora da Graça, em Feira de Santana (BA), adotou medidas de prevenção à pandemia da covid-19 e adaptou horários e experimentos para vivenciar melhor esta etapa de formação. Após o discernimento comunitário, optou-se por fazer transmissões ao vivo, via Facebook, das celebrações eucarísticas realizadas aos domingos, às 11h, e da adoração ao Santíssimo Sacramento, realizada às sextas-feiras, às 21h. A comunidade do noviciado também disponibiliza pelas redes sociais - Youtube e Instagram - vídeos com reflexões iniciais e momentos de oração.

2. CAMINHAR JUNTO AOS POBRES E AOS DESCARTADOS PELA SOCIEDADE

Com o avanço da pandemia do novo coronavírus no Brasil, diversos grupos sociais estão sendo duramente atingidos e tornam-se vulneráveis aos efeitos da crise, em especial, os mais pobres, os refugiados, os indígenas, os privados de liberdade e as pessoas em situação de

SEIS LIÇÕES PARA SEREM APRENDIDAS COM A PANDEMIA

A pandemia de covid-19 colocou o mundo em isolamento social, obrigando-nos, na condição de sociedade, a repensar e a reestruturar nossas relações. Desfrute este tempo da melhor maneira:

1. **Transmita segurança para as pessoas.**
2. **Exercite a solidariedade, volte sua atenção aos mais vulneráveis.**
3. **Reforce sua fé, tenha um particular com Deus.**
4. **Cuide da Casa Comum.**
5. **Pense no bem-estar coletivo.**
6. **Privilegie o essencial.**



rua. Essas populações, além de orientações específicas e claras, precisam de renda, de moradia, de alimento, de água, de sabão e de respostas concretas do Poder Público às suas necessidades.

Adiantando-se em relação às medidas anunciadas pelo Governo Federal e inspiradas pela segunda Preferência Apostólica Universal “Caminhar junto aos pobres, os descartados pelo mundo, os vulnerados em sua dignidade, numa missão de reconciliação e justiça”, as obras assistenciais, instituições de ensino e paróquias da Companhia de Jesus se articularam para garantir amparo imediato a esses grupos e impedir que a pandemia pudesse piorar as condições de vida de milhões de pessoas, como veremos a seguir.

A Fundação Fé e Alegria, movimento de educação popular da Companhia de Jesus, distribuiu 4.500 cestas básicas para as famílias atendidas por suas unidades e que estão em situação de vulnerabilidade social. Dessas, 458 foram ad-

quiridas com doações feitas pela ordem dos jesuítas e o restante com recursos de outras mobilizações. Ao todo, 14 estados brasileiros com unidades de Fé e Alegria foram beneficiados pelas doações.

A instituição também está realizando a campanha Alimente uma Família, ação nacional de mobilização de recursos para a compra de cestas básicas, cuja captação é feita por meio do site <https://fealegria.org.br/doe-agora/> e a distribuição do valor arrecadado feita de acordo com o estado do doador.

As ações de solidariedade de Fé e Alegria não param por aí. A unidade de Montes Claros (MG) está confeccionando máscaras e aventais para serem doados às comunidades da região e à rede hospitalar do município.

De acordo com a Fundação, o objetivo das ações é cuidar de quem mais precisa e sensibilizar a sociedade para os impactos da pandemia nas famílias em situação de vulnerabilidade social e de baixa renda.

Em Embu das Artes (SP), o Projeto Oficinas Culturais Anchieta (OCA) também ajudou as famílias das crianças e dos adolescentes atendidos. Até o momento, mais de 200 cestas básicas foram doadas e, na Páscoa, o Projeto fez a alegria dos menores, que foram presenteados com ovos de chocolate, doados pelo Pateo do Collegio.

Fundado em 2002, o Projeto OCA tem como missão auxiliar jovens em situação de vulnerabilidade social em seu desenvolvimento sociocultural, valorizando suas histórias de vida, fomentando seu preparo para o exercício da cidadania, sua qualificação para o trabalho, seu espírito comunitário e solidário.

Na região metropolitana de Belém (PA), o Centro Alternativo de Cultura Pe. Freddy (CAC) trabalha para promover qualidade de vida e justiça social a populações em situação de vulnerabilidade e, neste momento em que a pandemia do novo coronavírus ameaça vidas, não poderia ser diferente. A obra articulou a Rede Amazônica de Solidariedade e Resistência, um coletivo formado por diferentes instituições, igrejas, congregações religiosas, movimentos sociais e populares para arrecadação de recursos financeiros e insumos essenciais. A ação visa diminuir os impactos da doença em mais de 1200 famílias que sofrem com a ausência de condições básicas. Desse total, cerca de 500 famílias já foram atendidas, o que totaliza 6 mil toneladas de alimentos distribuídos, sendo mil toneladas de alimentos orgâ-



nicos da agricultura familiar, produzidos por trabalhadores rurais sem terra.

Em entrevista ao **Em Companhia**, a coordenadora do CAC, Aurilene da Silva, contou sobre uma nova parceria com a iniciativa privada para beneficiar mais de 700 famílias da periferia de Belém e região metropolitana, com a distribuição de cestas básicas. Nessa ação, serão contempladas as famílias acompanhadas por movimentos populares e por paróquias da Arquidiocese de Belém. Também estão nesse mapeamento famílias de migrantes e refugiados e mulheres do grupo de Economia Solidária atendidas pela Cáritas Regional Norte 2. “Seguimos na luta pela defesa e pelo cuidado dos que estão mais vulneráveis nesse momento de pandemia, somos ‘uma igreja em saída’, nos mantendo presente em meio às comunidades, na sinodalidade do caminhar juntos e viver bem”, concluiu.

O Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (Olma), em conjunto com outras 160 organizações da sociedade civil, conseguiu que o projeto de renda básica emergencial saísse do papel e fosse sancionado pelo Governo Federal. A vitória garantiu a concessão de auxílio emergencial no valor de 600 reais a trabalhadores informais, autônomos e sem renda fixa e o do-



bro do valor a mães responsáveis pelo sustento da família, durante a crise provocada pela pandemia da covid-19. O objetivo da medida é amenizar os impactos desta crise sobre famílias com vulnerabilidade financeira

“A negociação com o governo foi complexa, eles desejavam oferecer um valor muito menor do que foi aprovado no final, com articulação política conseguimos grandes avanços em valores e ampliação de públicos. Por fim, a aderência a esse tipo de ação parte do princípio básico de garantir que o Estado cumpra com suas obrigações, suprindo o mínimo para o bem-estar da população, ainda mais em um contexto como este, de pandemia, o auxílio emergencial era questão de vida ou morte para milhões de famílias. Ficamos muito satisfeitos com a conquista, foi uma

vitória da sociedade civil organizada”, contou o secretário executivo do Olma, Luiz Felipe Lacerda.

Não há dúvidas de que esta é uma crise transformadora, que está alterando, radicalmente, a forma como pessoas, comunidades e organizações se relacionam e funcionam. Sobre os frutos e os aprendizados que podemos tirar deste momento e qual “normalidade” desejamos construir, o secretário executivo foi enfático. “Trata-se de um tempo de muita aprendizagem, somos convidados a pensar sobre muitas dimensões de nossa prática, de nossa Missão: após essa quarentena, desejamos regressar para a mesma “normalidade” que acumulou desigualdades sociais, fome e degradação ambiental durante décadas? Como podemos construir uma “nova normalidade”? No contexto histórico,

“**SEGUIMOS NA LUTA PELA DEFESA E PELO CUIDADO DOS QUE ESTÃO MAIS VULNERÁVEIS NESSE MOMENTO DE PANDEMIA, SOMOS ‘UMA IGREJA EM SAÍDA’, NOS MANTENDO PRESENTE EM MEIO ÀS COMUNIDADES.**”

Aurilene da Silva,
coordenadora do CAC



nossos projetos estão conseguindo, mesmo que minimamente, alterar as estruturas das desigualdades sociais no Brasil, ou estamos mergulhados em um âmbito paliativo, lutando apenas contra as consequências, sem alterar suas causas?”, disse Luiz Felipe.

Os migrantes forçados também fazem parte dos grupos sociais que se tornaram vulneráveis aos efeitos da crise. Entre eles, estão as mais de 11 mil pessoas reconhecidas como refugiados e que vivem em território brasileiro.

No Brasil, boa parte dessas pessoas estão no mercado informal ou em pequenos comércios, por isso dependem de rendas diárias para subsistência. Com o fechamento das lojas e o isolamento social, muitos não puderam arcar com seus aluguéis e foram despejados, além de não terem recursos para comprar alimentos, produtos de higiene e medicamentos. Aqueles que não perderam seus empregos, costumam utilizar o transporte público para deslocamento e ficam ainda mais expostos ao vírus.

O Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) sempre manteve uma frente de assistência emergencial, com ajuda para compra de alimentos, medi-

camentos, kits de higiene etc. No entanto, essa demanda cresceu exponencialmente com a pandemia, exigindo adaptar as atividades e as finanças para oferecer mais apoio aos migrantes e refugiados que precisam de ajuda.

Em Belo Horizonte (MG), o SJMR passou a distribuir alimentos e itens de higiene para a população de rua e migrantes desabrigados. Além disso, identificou a necessidade de fazer atendimentos psicológicos a distância e oferecer orientações sobre as garantias e os direitos do trabalhador migrante, também de forma remota. Em Manaus (AM), a instituição passou a distribuir produtos de higiene e cestas básicas, principalmente, para indígenas venezuelanos da etnia Warao nos abrigos da cidade, uma população extremamente vulnerável. Também foi implementada a escuta direta por telefone e está sendo iniciado um auxílio do pagamento dos aluguéis, evitando que famílias sejam despejadas.

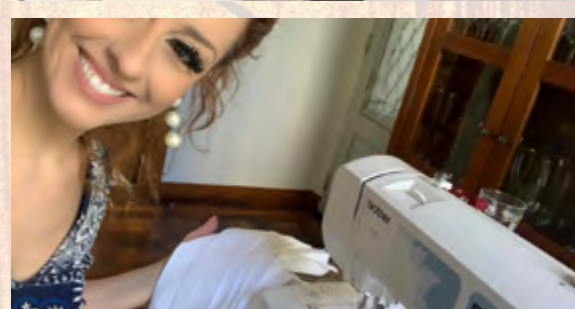
Os indígenas da etnia Warao também contaram com o apoio da Área Missionária Santa Margarida de Cortona, que mediou, junto aos órgãos da Prefeitura de Manaus, a entrega de cestas básicas. Em decorrência do avan-

ço da pandemia da covid-19, todos os indígenas que moravam no ambiente da Área Missionária foram deslocados para abrigos cedidos pela Prefeitura de Manaus. De acordo com o padre Roque Pedro Follmann, a expectativa é que, após a pandemia, eles sejam transferidos para um lugar mais apropriado.

Em Porto Alegre (RS), o SJMR passou a fazer visitas de sensibilização sobre a covid-19 e a distribuir álcool em gel às famílias de reassentados pelo projeto realizado em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e o Governo Federal. Em Brasília (DF), foram entregues cestas básicas e máscaras de proteção, fruto de doação e da ajuda dos voluntários.

Em Boa Vista (RR), um trabalho de acompanhamento dos casos de proteção está sendo feito, voltando a atenção para casos de internações e altas hospitalares, oferecendo transporte, compra de medicamentos e também de alimentos. Assim como em Manaus, o SJMR também buscou alternativas de moradia para aqueles ameaçados de despejo dos aluguéis.

A instituição também iniciou um projeto de produção de máscaras de proteção, feitas por costureiras migran-



tes, que serão distribuídas gratuitamente à população migrante e refugiada de Manaus e de Boa Vista.

Desde a chegada da covid-19 ao Brasil, a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), despertou para a necessidade premente de atuação, buscando soluções para o enfrentamento à epidemia, tendo em mente a missão da manutenção da vida e da dignidade humana e o seu papel como instituição de ensino.

De acordo com a decana da Escola de Saúde da Unisinos, Rochelle Rossi,

priorizou-se a realização de testes para diagnóstico da covid-19, uma parceria entre a Universidade, o Tecnosinos e o Hemocord, o que tem contribuído para diminuir a subnotificação e tem auxiliado na tomada de decisões pelo poder público; o conserto e a duplicação da capacidade de respiradores de hospitais públicos da região, bem como o conserto de desfibriladores; a produção e doação de 3 mil unidades do *face shield* (escudo facial) para profissionais de saúde que atuam na linha de frente no combate à pandemia; o projeto Saúde Mental, para

avaliar as condições de saúde psicológica de colaboradores da Universidade no contexto da pandemia. Além dessas ações, também a cooperação no estudo epidemiológico da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), encomendado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul, no qual estudantes voluntários e pesquisadores da Unisinos estão realizando coletas nas cidades de Canoas e de Gravataí, o que permite estimar a velocidade da evolução do contágio no estado e o direcionamento de políticas públicas em prol da população.

EXEMPLOS DE DOAÇÃO E ENTREGA

Nestes tempos tão difíceis, católicos de todo o mundo recorrem à intercessão dos santos e santas de Deus que, ao longo da história, se solidarizaram com os atingidos pelas pestes e epidemias e dão testemunho de como uma pandemia pode se tornar uma maneira de servir a Deus e ao próximo. Entre tantas histórias, destacamos as vidas de São José de Anchieta e São Luís Gonzaga, jesuítas conhecidos pela dedicação aos doentes.



SÃO JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597)

José de Anchieta nasceu em 19 de março de 1534, em Tenerife, Ilhas Canárias, na Espanha. Em 1551, ingressou na Companhia de Jesus, em Portugal, e veio para o Brasil, como missionário, dois anos depois.

O jesuíta não só trabalhou como catequista, mas também tornou-se dramaturgo, poeta, gramático, linguista e historiador. Participou da fundação de escolas, cidades e igrejas. Mesmo com a saúde frágil, Anchieta foi diligente e generoso no serviço aos pobres e doentes. Há diversos registros dos cuidados físicos de enfermos, do interesse em conhecer a medicina indígena para curar as doenças e, sobretudo, da sua profunda oração e inabalável esperança na misericórdia e providência divina.

Falecido em 9 de junho de 1597, José de Anchieta é reconhecido como copadroeiro do Brasil e foi canonizado em 3 de abril de 2014, pelo Papa Francisco.

SÃO LUÍS GONZAGA (1568-1591)

Nascido na Itália, em 9 de março de 1568, Luís Gonzaga sentiu o chamado para seguir Cristo na Companhia de Jesus, mas, para isso, teve de vencer muitas dificuldades e resistências por parte da família, principalmente, de seu pai, cujo desejo era que o filho seguisse a carreira militar.

Durante sua formação, uma grande epidemia ocorrida na Itália fez muitas vítimas. Na época, a Companhia de Jesus fundou um hospital e ele ficou encarregado de retirar as pessoas infectadas das ruas. O jesuíta lavava e alimentava as vítimas da doença, com o intuito de lhes dar esperança. O envolvimento foi tanto que ele também ficou doente e morreu, com apenas 23 anos, no dia 21 de junho de 1591.

Luís Gonzaga foi canonizado em 31 de dezembro de 1726, pelo papa Bento XIII. Ele é reconhecido como Padroeiro da Juventude.



“ALMEJAMOS OFERECER VIVÊNCIAS PROFUNDAS QUE PROPORCIONEM SENTIDO À VIDA DOS JOVENS, INSPIRADAS NA PESSOA DE JESUS”

Pe. Odair Durau, SJ

3. ACOMPANHAR OS JOVENS NA CRIAÇÃO DE UM FUTURO PROMISSOR

“Acompanhar os jovens na criação de um futuro cheio de esperança” é o que recomenda a terceira Preferência Apostólica Universal e está em sintonia com as ações do Programa MAGIS Brasil, ação apostólica da Companhia de Jesus com a juventude.

Neste tempo de isolamento social, as atividades locais e presenciais dos Centros e Espaços MAGIS foram transformadas, na medida do possível, em atividades virtuais. O Programa também optou por estender a Campanha Ser mais Amazônia para todo o ano de 2021.

O Programa tem cinco eixos centrais de atuação, que se relacionam com a história e a vocação da Companhia de Jesus no trabalho com os jovens. São eles: Exercícios Espirituais, Socioambiental, Vocações jesuítas, Voluntariado jovem e inserção sociocultural e pedagogia e metodologia do trabalho.

O Eixo dos Exercícios Espirituais, por exemplo, tem promovido algumas iniciativas *on-line*, como: exercícios espirituais para jovens, exercícios espirituais na vida cotidiana, tarde de espiritualidade, oração de Taizé, terço, *lives* com temas e partilhas num horizonte de conversação espiritual, projeto de vida, acompanhamento espiritual, materiais de oração diária, semanal e mensal. Além disso, toda sexta-feira, às 20 horas, os jovens se conectam por meio da oração pelo fim da pandemia.

“O nosso objetivo não é oferecer uma gama de afazeres para “preencher

o tempo”. Pelo contrário, almejamos oferecer vivências profundas que proporcionem sentido à vida dos jovens, inspiradas na pessoa de Jesus”, explicou o coordenador do Eixo dos Exercícios Espirituais, Pe. Odair Durau.

O Programa também deu início a um ciclo de seminários *on-line* em seu canal no Youtube, que irá relacionar o tema da pandemia a assuntos pertinentes à Igreja. O tema do primeiro seminário foi Economia de Francisco e o mundo pós-crise.

4. COLABORAR NO CUIDADO DA CASA COMUM

O Papa Francisco tem, com frequência, falado sobre questões ambientais e a responsabilidade do homem diante da criação. “Colaborar com o cuidado da Casa Comum” é também a quarta Preferência Apostólica Universal, que orienta as principais iniciativas desenvolvidas pelo Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental (Sares).

Assim como nos estados do Sudeste do Brasil, o novo coronavírus avança no Amazonas. Manaus está entre as cidades brasileiras com maior incidência de casos de contágio. Além disso, publicações recentes

mostraram que o desmatamento na Amazônia durante o tempo de distanciamento social aumentou 64%, comprovando que o mal não descança. Mobilizado para reduzir os impactos da pandemia na região, o SARES tem participado de reuniões e acompanha, de perto, a situação dramática em que se encontra o Estado e as irregularidades que estão ocorrendo na área da saúde.

Juntamente com as Pastorais Sociais da Arquidiocese, a instituição tem feito *lives* semanais a fim de comemorar o quinto aniversário da Encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da Casa Comum. “Acredito que estamos dentro de uma imensa tempestade que vai durar por muito tempo. Pedimos a Deus sabedoria e discernimento, pois vivemos uma incerteza muito grande”, desabafou o coordenador do Sares, Pe. Paulo Tadeu Barausse.

Outra preocupação é o abandono em relação aos indígenas que moram em Manaus. Recentemente, o Sares, em conjunto com a Coordenação dos Povos Indígenas de Manaus e Entorno (Copime), o Observatório Nacional de Justiça Socioambiental Luciano Mendes de Almeida (Olma), e a Arquidiocese de Manaus, emitiu Nota Pública em que solicita aos órgãos públicos a obrigatoriedade para distinguir as populações que vivem em aldeias e no perímetro urbano da capital do Amazonas. Em tempos de pandemia, a identificação não limitaria o acesso às políticas públicas de saúde para quem reside numa aldeia e ofereceria atendimento melhor aos indígenas da cidade, que, inclusive, seriam identificados nas estatísticas de contágio e mortes por covid-19. ■

FAÇA SUA PARTE

O Em Companhia também se juntou às ações contra a disseminação da covid-19 e pede a todos os seus leitores que acatem as orientações de prevenção dos órgãos de saúde neste momento e **FIQUEM EM CASA**. É um dever de cidadania que expressa solidariedade e amor ao próximo e nos permite fazer da crise uma oportunidade. Essa atitude cidadã irá proteger a todos!



Pe. Roberto Jaramillo Bernal, SJ
Presidente da CPAL

NÃO VÊS ISTO? FAÇO NOVAS TODAS AS COISAS (APC 21,5)

Esta é a primeira vez na história das gerações vivas que experimentamos uma crise verdadeiramente universal. Um bicho minúsculo – que nem é um organismo vivo – tem obrigado a todos a descerem das nuvens do consumo e da realidade midiática em suas mais diversas formas, e nos forçou – independentemente de qualquer diferença – a pôr os pés na “realidade”: somos pó!

Por um lado, é reconfortante ver a multiplicidade de iniciativas apostólicas implementadas em muitas instituições e comunidades da Companhia Universal e, particularmente, da Conferência dos Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL). Não há dimensão apostólica dos nossos trabalhos na qual não se tenham gerado respostas criativas: retiros e acompanhamento espiritual; fundos de ajuda para alimentação de famílias carentes; programas de educação a distância para crianças, jovens e adultos; abertura de espaços físicos para atenção a pessoas vulneráveis ou doentes; apoio psicológico *on-line*; alianças com outras organizações públicas e privadas para atender aos necessitados, coletas locais ou regionais de alimentos, incluindo assistência pastoral e humanitária a moribundos; além de tudo, o que isso tem representado em termos de diálogo, interação e acordos entre os membros do corpo apostólico e, particularmente, entre os jesuítas.

Por outro lado, a pandemia questiona existencialmente nossa imagem de Deus e, sobretudo, nossas formas de nos relacionarmos com Ele. Deus não está definitivamente fora da realidade, mas dentro do processo evolutivo. Ele é o Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; existe no *modus laborandis*, como diz Santo Inácio. E mais: no mistério da encarnação dispõe-se a “padecer” humanamente toda realidade como caminho de redenção. Por isso, encontramos-lo não em ritos e práticas religiosas, mas na mais crua realidade atual: nos doentes, nos famintos, nos desesperados, nos que imploram ajuda e solidariedade; e, positivamente, nos que são seus próximos: os que se aproximam deles (Lucas 10,25-37). Os outros não passam de mediações, na maioria das vezes até inconvenientes! Aí tem sentido profético o que dizia o Papa Francisco em sua mensagem ao mundo em 27 de março, quando afirmava que o vírus descobre essas certezas falsas e supérfluas em torno das quais temos construído nossos horários diários, nossos projetos, nossos hábitos e problemas.

“ É TEMPO DE ESCUTA ATENTA AO QUE O SENHOR QUER NOS COMUNICAR ...”

A verdadeira Igreja, a dos filhos e filhas de Deus (não a religião) neste

tempo de coronavírus, já está se reinventando; e não é que tenhamos de reinventá-la mais tarde. Ela está viva e encontrando seus caminhos, os mais originais (em todos os sentidos). O clericalismo - em todas as suas formas - não só se acha vulnerável, mas também tornou-se irrelevante, e o verdadeiro papel do clérigo e da hierarquia terá que ser - isso sim - completamente reinventado; assim como o das formas religiosas em geral.

E o que afirmamos do papel do clero, da Igreja e de suas formas religiosas e do clericalismo deve ser dito também da vida religiosa e da Companhia de Jesus. É tempo de voltar às origens, é tempo de reinventar-nos pessoal, comunitária e institucionalmente; é tempo de escuta atenta ao que o Senhor quer nos comunicar; tempo de discernimento e docilidade às indicações do Espírito, que está tornando novas todas as coisas (Ap 21,5).

Se cada um de nós – jesuítas e todos os membros do corpo apostólico da Companhia de Jesus – vive este tempo só esperando que passe a pandemia para recuperar seu modo de vida: seus gastos, suas diversões, seus hábitos de consumo, suas prioridades, seus horários, seus ritos (grandes ou pequenos, privados ou públicos), suas certezas e as respostas que já encontrou, e sai ileso após esta experiência de crise universal (com suas variações sociológicas nacionais), significa que mora na lua e que a história deixou-lhe na mais absoluta irrelevância. A novidade que todos esperamos não chegará se cada um de nós não a construir. ■

CPAL LANÇA A REVISTA AURORA

A Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina e do Caribe (CPAL) lançou a Revista Aurora no início do mês de maio. Com periodicidade semanal ela já está em sua segunda edição: Não voltar à normalidade. O informativo compartilha com os leitores estudos e reflexões sobre a situação da covid-19, iniciativas em andamento e esperanças para o futuro.

Hoje, fala-se muito sobre o depois da pandemia, bem como sobre as mudanças e transformações que virão. Alguns falam de um futuro bem-sucedido, mas outros são mais pessimistas. No entanto, o depois depende das conclusões tiradas do agora, quando a humanidade está sendo posta em xeque pelo coronavírus.

No artigo de apresentação, padre Luis Rafael Velasco, SJ, Provincial de Argentina-Uruguai (ARU), chama a atenção para lições que podem ser aprendidas durante o período desta pandemia: “que dependemos um do outro mais do que pensávamos e que existem poucas coisas essenciais: primeiro, a vida que é sagrada e de valor inestimável; também descobrimos que realidades fundamentais, como amor e carinho, não dependem de dinheiro, mas de nossa atenção e dedicação”, diz padre Luis.

Essa edição da revista quinzenal busca refletir sobre o momento atual e suas causas, além de propor ideias sobre o depois. “Para que haja um depois verdadeiramente mais fraterno, é preciso começar a pensar agora”. ■



O download da versão em espanhol está disponível em: <https://bit.ly/3dKOrXH>

CPAL REALIZA 39ª ASSEMBLEIA POR VIDEOCONFERÊNCIA

No dia 8 de maio, a CPAL (Conferência dos Provinciais Jesuítas da América Latina e Caribe) divulgou uma carta dos provinciais referente à 39ª Assembleia, realizada virtualmente por causa da atual pandemia. Por videoconferência, participaram os 13 Provinciais da CPAL, quatro Superiores Regionais ou de seção sempre convidados (Jamaica-Guiana, Amazônia/BRA, Cuba e Haiti), os dois Assistentes do Pe. Geral para a América Latina e o Caribe e a Equipe Central da CPAL.

A reunião propôs conversar e discernir juntos, principalmente, sobre a situação atual de cada Província e da Conferência, revisar o andamento do processo de avaliação dos Centros In-

ternacionais de Formação (CIF), do Projeto Apostólico Comum (PAC) e o planejamento do PAC 2 (PEPPAC), além de avaliar o desempenho da Equipe Central da CPAL. Também foi dedicado tempo para a eleição do vice-presidente, Pe. Rafael Velasco, e dos três conselheiros da CPAL: os padres Gabriel Roblero, Gustavo Calderón e Luis Gerardo Moro.

Foram discutidos os impactos dos descuidos acumulados por décadas na maneira como os seres humanos têm se relacionado entre si, com a natureza e com Deus, que resultaram na pandemia de covid-19. Diante da atual crise, foram analisados também os desafios para a formação de estudo contextualizado, do olhar discernidor, da formação integrada

com a realidade em conexão com os pobres e da aprendizagem reflexiva e crítica para a transformação do mundo. Des-tes últimos temas, participaram o padre Mark Ravizza, conselheiro do Pe. Geral para a Formação, o padre segundo Rafael Pérez, e o Dr. Carlos Ernesto Pérez, respectivamente secretário executivo e consultor metodológico e técnico do PEPPAC.

Por fim, agradeceram os serviços como Provinciais ao padre José Francisco Magaña, padre João Renato Eidt e ao padre Rolando Alvarado, que se despediram como membros da CPAL, e deram as boas-vindas aos seus substitutos: padre José Domingo Cuesta, padre Luis Gerardo Moro e padre Mieczyslaw Smyda. ■

CAMINHO PARA CONTINUIDADE

Os membros do Serviço Jesuíta Pan-amazônico (SJPAM) encontraram, nos espaços virtuais, uma maneira de continuar o trabalho durante o distanciamento social em razão da pandemia. A equipe do SJPAM participou das reuniões de diversas obras e instituições, como as realizadas pelas redes da Conferência de Provinciais da América Latina e Caribe (CPAL), da Equipe

de Reflexão sobre Culturas e Religiões Indígenas da América Latina (ERCRILA), da Rede de Apostolado Indígena e dos eixos da REPAM (Fronteiras, Povos indígenas, Justiça socioambiental e Bem Viver).

Das atividades propostas, é possível destacar a apresentação das análises de realidade mensais, organizadas pela CPAL sobre alguns países, e o encontro do Pe. Alfredo Ferro com os estudantes

do doutorado em Ciências Ambientais da Universidad del Valle, em que o jesuíta pôde fazer uma conferência sobre eco-espiritualidade nos âmbitos da *Laudato Si'* e do Sínodo para a Amazônia.

Esse tempo também permitiu a participação da equipe do SJPAM em diferentes espaços de reflexão que foram oferecidas por diversas entidades ou instituições sobre o tema da covid-19. ■

SERVIÇOS MANTIDOS NA QUARENTENA

Pe. Valério Sartor participou de reuniões virtuais nas quais os principais pontos de pauta foram a situação dos povos indígenas frente à pandemia da covid-19 e as estratégias de ações diante dessa realidade. De maneira geral, os indígenas vão entendendo, aos poucos, a gravidade desta pandemia para as comunidades. Para eles, a orientação para ficar em casa corresponde a ficar na aldeia, pelas próprias dinâmicas culturais. Dessa forma, a entrada do vírus poderia contagiar uma comunidade toda facilmen-

te, podendo ser fatal, tendo em vista a precariedade do sistema de saúde que os atende. Por isso, considera-se que os indígenas se encontram na situação de povos mais vulneráveis frente ao contágio do coronavírus.

Da parte do Serviço Jesuíta Pan-amazônico (SJPAM), foi feita uma partilha de alimentos básicos e material de higiene para cerca de 50 famílias das comunidades indígenas de Nazareth e Arara. Como não é recomendado ir até as comunidades, providenciou-se a entrega de produtos a



uma líder da comunidade que veio até Leticia (Colômbia) e se responsabilizou por repartir entre as famílias mais necessitadas. ■

SJPAM DISCUTE SOBRE CORONAVÍRUS

De 21 a 23 de abril, os membros da equipe do Serviço Jesuíta Pan-amazônico (SJPAM), aproveitando o isolamento obrigatório em Leticia, realizaram um seminário de estudo, análise e reflexão sobre a covid-19.

O espaço teve quatro sessões, cada uma com introdução, uma série de leituras previamente definidas e uma partilha.

As sessões tiveram como foco: a realidade da crise e as aprendizagens

que pode trazer; a base ética, religiosa e a perspectiva de fé que permite o enfrentamento dessa realidade; o que reserva o futuro para a equipe; e a realidade dos povos e das comunidades indígenas e o que esperar deles. ■

Fonte: Carta Mensal Pan-Amazônia (nº 70/Abril 2020)

Acesse www.jesuitasbrasil.com/cartapanamazonia e leia a íntegra desta e de outras edições.

O CUIDADO DA MISSÃO DEPOIS DO CORONAVÍRUS

Motivado pela pandemia da covid-19 e pelas consequentes transformações na vida humana, o Padre Geral Arturo Sosa dirigiu-se a todo o corpo da Companhia de Jesus, no webinar que aconteceu no dia 29 de abril, na Cúria Geral. O tema abordado pelo seminário virtual foi: É necessário integrar a *cura personalis* e a *cura apostólica* para renovar nossa missão.

Na ocasião, Pe. Sosa afirmou que a pandemia “destacou a importância do cuidado em muitas dimensões de nossas vidas” e “nos fez ver tanto descuido acumulado ao longo de décadas na maneira que os seres humanos se relacionam entre si, com a natureza e com Deus”. Ele também ressaltou que essa crise oferece possibilidades de aprendizado, como a superação dos descuidos citados e a atenção com o modo como nos relacionamos uns com os outros na vida-missão.

As Preferências Apostólicas Universais tiveram sua importância mencionada pelo Padre Geral, tanto no cuidado do discernimento comum quanto no planejamento apostólico. Sobre a primeira Preferência Apostólica, disse: “Cuidar de nossa vida espiritual nos permite não nos perder no caminho para Deus que somos chamados a mostrar a todos os seres humanos”. Da segunda, destacou que “há um sentido profundo em cuidar da vida dos descartados, multiplicados exponencialmente nesta pandemia, como consequência das estruturas injustas do nosso mundo, incapazes de colocar os seres humanos e o Bem Comum no centro das decisões políticas locais, nacionais ou globais”. Na preferência relativa à juventude, Pe. Sosa disse que “acompanhar os jovens é um exercício contínuo de aprendizagem do que sig-



PARA CUIDAR DA MISSÃO, A COMPANHIA DE JESUS PRECISA CUIDAR DAS PESSOAS QUE A FAZEM POSSÍVEL E FORMAM SEU CORPO APOSTÓLICO”

Pe. Arturo Sosa, SJ

nifica cuidar do presente e do futuro da humanidade, em que se renova o sentido de nossa vida-missão” e, sobre o cuidado com a Casa Comum, afirmou: “O descuido da natureza foi exposto durante a pandemia da covid-19. Continuar descuidando é a maior irresponsabilidade de uma humanidade que encontrou sua fragilidade e recebeu uma lição estrondosa sobre a necessidade e possibilidade de reagir como a única humanidade que somos, sem distinção de cultura, idade ou religião”.

O Padre Geral, inspirado pelas fontes iniciais, interpretou a vida como uma experiência de ser cuidado e convidado a cuidar. Ele completou: “Para cuidar da missão, a Companhia de Jesus precisa cuidar das pessoas que a fazem possível e formam seu corpo apostólico. Por esse motivo, é urgente aprender a colaborar

com leigos e leigas, com o clero diocesano e com outros religiosos e religiosas”.

A construção de uma “cultura do cuidado” foi apontada por Pe. Arturo Sosa como um desafio dos tempos atuais, uma construção que será possível por meio do diálogo, mantendo o máximo respeito à consciência e vocação de cada um, e pela criação de um ambiente de discernimento que ilumine o planejamento apostólico de cada obra no conjunto do plano de cada Província ou Região à luz das Preferências Apostólicas Universais. Ele também ressaltou a necessidade do abandono de características pertencentes ao clericalismo, ao paternalismo, ao individualismo e ao autoritarismo. ■

Para conferir a notícia original, acesse: <https://bit.ly/3ctGMg7>

Fonte: Cúria Geral

ISOLAMENTO SOLIDÁRIO

Dias, semanas, meses de isolamento, só em vista de um bem comum.

Esta parece ser a mais nobre razão que me vem à mente e ao coração. Ela poderá ajudar a superar todos aqueles sentimentos negativos que a nossa carne fragilizada ou sobrecarregada pelas contingências humanas, procuram fazer prevalecer.

Por isso, será muito prático que se encontre na rotina do nosso cotidiano, aquilo que nesta pandemia da covid-19, poderá resultar em bons resultados pessoais e comunitários. Especialmente a nós, como jesuítas idosos e na área de maior risco do contágio viral, esse isolamento prescrito precisa ser aceito positivamente, com algumas ações concretas e por meio dos talentos e da criatividade pessoal.

Isolar-se não significa esconder-se, incomunicável e sem relacionamentos com o exterior, mas estar mais recolhido no seu canto, talvez mais concentrado naquilo que se **é** e se **tem** de bom. Quem sabe, tal recolhimento

me aproximará mais de Deus, das outras pessoas e do ecossistema? Aliás, parece que por todos os países dá-se um fato novo: a redescoberta de que o virtual pode se tornar real e garantir a proximidade relacional do **eu** e do **nós**, desde que nos esforcemos por dar sentido à nossa ação.

O que tenho ultimamente visto pela mídia e que cada vez mais acontece pelo mundo, vou trazendo para o meu dia a dia, causando-me muita satisfação, na nossa linguagem religiosa, muita “consolação espiritual”. Exemplifico: para nós jesuítas idosos que antes do vírus chegar, podíamos circular quase diariamente para atender e acompanhar espiritualmente fiéis em nossos lugares conhecidos de atendimentos, entretanto, agora de meu quarto e de minha residência tenho podido dar certa continuidade a tal ministério de escuta e diálogo. E mesmo que não seja para atendimento estritamente espiritual, posso ir até os amigos e conhecidos para dar-lhes o conforto da fé que os move à esperança.



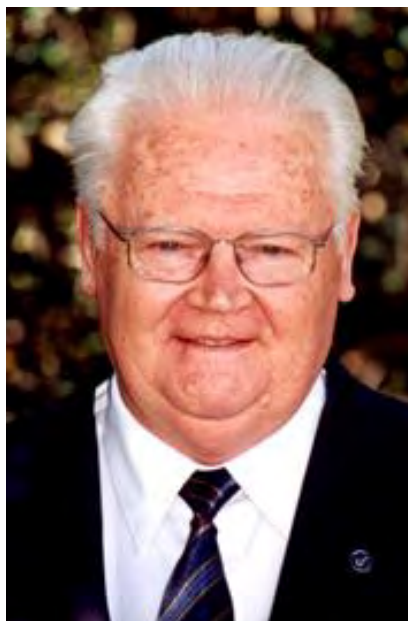
Penso que, para nós, jesuítas, confinados em nossas residências e sem poder sair para atividades no exterior, há algo a ser agora mais vivenciado. Por meio de exemplos como o que foi lembrado acima, ou de outros que a criatividade pessoal encontrar, é preciso encarar o isolamento como um motor de **solidariedade**.

É claro que tratar-se-á de vivenciar agora de maneiras novas e até originais, nestes dias, semanas e meses, a **caridade cristã, que gera a comunhão de vidas**. Onde se apresentarem maiores necessidades urgentes – amigos e até desconhecidos mais vulneráveis –, para lá irão se voltar nossos sentimentos de muita **compaixão** que, apesar das distâncias, aproximarão corações.

Parece-me que dessa maneira, estaremos fazendo aquilo que é muito próprio da família inaciana, que se vê unida naquela síntese dos Exercícios, no **“Em tudo e em todas as situações, AMAR e SERVIR!”** (adaptação dos Exercícios Espirituais - EE [233]).■

“ **ISOLAR-SE NÃO SIGNIFICA ESCONDER-SE, INCOMUNICÁVEL E SEM RELACIONAMENTOS COM O EXTERIOR, MAS ESTAR MAIS RECOLHIDO NO SEU CANTO, TALVEZ MAIS CONCENTRADO NAQUILO QUE SE É E SE TEM DE BOM.**”

Pe. Paulo Lisbôa, SJ



NA PAZ DO SENHOR

PE. ALOYSIO BOHNEN, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Padre Aloysio Bohnen nasceu no município de Três de Maio (RS), em 23 de junho de 1936, filho de Felipe Bohnen e Maria Catharina Schwendler Bohnen. Foi batizado no dia 19 de julho do mesmo ano, na Paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Treze de Maio (SC).

Ingressou na Companhia de Jesus em 28 de fevereiro de 1959, em Pareci Novo (RS). Fez os primeiros votos em 5 de março de 1961, em São Leopoldo (RS), no Colégio Cristo Rei. Estudou filosofia no mesmo Colégio, de 1961 a 1963, e também teologia, de 1967 a 1970. Entre um curso e outro, fez o mestrado, de 1964 a 1966, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre (RS). Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), cursou a faculdade de Ciências Econômicas e, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), a faculdade de Economia de 1964 a 1969.

Aos 33 anos, no dia 20 de dezembro, foi ordenado presbítero por Dom Aloisio Lorscheider, na Igreja Matriz de Horizontina (RS). Pe. Bohnen fez a terceira prova com Pe. Luciano Mendes de Almeida, no Rio de Janeiro (RJ), e com

Pe. João Quirino Weber, em Baturité (CE). Os últimos votos foram proferidos em 25 de dezembro de 1977, na Capela da Unisinos, diante do Provincial Pe. Paulo Englert.

O trabalho apostólico do Pe. Aloysio Bohnen foi exercido no mundo universitário. De 1967 até 2007, trabalhou na Unisinos, em São Leopoldo. Lá, foi professor de Doutrina Social da Igreja, até 1969, disciplina que também lecionou na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). De 1970 a 1974, lecionou Sociologia Urbana e Rural e Deontologia. Durante os anos de 1975 e 1976, ensinou Moral e Ética Social no Colégio Cristo Rei. De 1978 a 1980, foi ministro e ecônomo da Residência Conceição, também em São Leopoldo. Foi vice-reitor administrativo da Unisinos de 1979 a 1981, onde, de 1978 a 1986, coordenou a pós-graduação e pesquisa. Em 1986, assumiu como reitor da Unisinos, cargo que ocupou até o ano de 2005. Além dessas atividades, participou, em diferentes ocasiões, do Conselho de Desenvolvimento de São Leopoldo. Foi membro do Conselho Fiscal da Associação Brasileira das Instituições Comunitárias de Educação Superior (ABRUC). Foi vice-presidente da Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (AUSJAL). Foi, ainda, presidente do Conselho Regional de Desenvolvimento do Vale do Rio dos Sinos (CONSINOS), de 1994 a 1997 e em 2002. Em 2007 e 2008, foi capelão no Hospital Regina, em Novo Hamburgo (RS). Durante o

período de 2009 a 2015, foi curador do Memorial Jesuíta, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas, Diretor da Biblioteca da Unisinos e membro do Conselho Universitário.

Padre Aloysio Bohnen faleceu em 18 de abril de 2020, na Comunidade de Saúde e Bem-Estar São José, em São Leopoldo (RS), onde residia desde o ano de 2016, orando pela Igreja e pela Companhia de Jesus.

Pe. Adolfo Nicolás, na carta de felicitações pelo jubileu de ouro de vida religiosa enviada ao Pe. Bohnen, em 28 de fevereiro de 2009, enalteceu e agradeceu muito sua dedicação ao ensino superior, na Unisinos, como professor e também como reitor.

Padre José Odelso Schneider era amigo e também colega do Pe. Bohnen na Unisinos. Ele descreveu o Pe. Bohnen como uma pessoa que tinha humor no convívio com os colegas. Era dotado de uma excelente memória histórica e apreciava sentenças magistrais. Era muito querido pelos alunos do Curso de Especialização e Pós-graduação *lato sensu* em Cooperativismo (CESCOOP). Durante as férias, como estudante, organizava pequeno grupo teatral e fazia apresentações nas comunidades do interior do Rio Grande do Sul. Ao assumir como reitor da Unisinos, durante cinco gestões, acompanhou de perto o crescimento do campus e do número de alunos e de professores. Foi diminuindo, cada vez mais, a atividade de professor, visto que as exigências administrativas o ocupavam progressivamente. ■



NA PAZ DO SENHOR

PE. MIGUEL ELOSÚA ROJO, SJ

Por Pe. Carlos Henrique Müller, SJ

Padre Miguel Elosúa Rojo nasceu em Oviedo, na Espanha, no dia 1 de maio de 1932. Filho de Marcelino Elosúa Herrero e de Maria de los Dolores Rojo Melero, foi batizado no dia 3 de maio do ano de seu nascimento.

Seu ingresso na Companhia de Jesus ocorreu no dia 16 de novembro de 1949, em Salamanca, na Espanha. Lá, também emitiu os primeiros votos, no dia 17 de novembro de 1951, e fez o Juniorado, de 1952 a 1954.

O espírito missionário o trouxe ao Brasil, onde chegou no dia 4 de outubro de 1954. Mais tarde, em 9 de fevereiro de 1961, foi naturalizado brasileiro.

Durante os anos 1955 e 1957, estudou Filosofia em Nova Friburgo (RJ). Depois desses estudos, fez o tempo de magistério no Colégio Loyola, em Belo Horizonte (MG), de 1958 a 1959, e os estudos teológicos no Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo (RS), de 1960 a 1963. Além dos estudos próprios da formação presbiteral, Pe. Elosúa fez, ainda, outros cursos de aperfeiçoamento: Ciências Sociais na Universidade Civil, no ano de 1958,

em Belo Horizonte; Economia, na Universidade de Deusto, Bilbao, na Espanha, em 1964; e estudos de Pastoral, em Madrid, na Espanha, em 1970.

Foi ordenado presbítero em 7 de dezembro de 1964, no Colégio Máximo Cristo Rei, pelo Arcebispo de Porto Alegre (RS), Dom Edmundo Kunz. Concluiu a Terceira Provação em julho de 1965, na Villa Santo Ignácio, em Florença, na Itália. Em 2 de fevereiro de 1967, no Colégio Loyola, emitiu os últimos votos.

A atividade pastoral desenvolvida pelo Pe. Miguel Elosúa foi bastante ampla. Em ocasiões diferentes, ele trabalhou no Colégio Loyola, onde morou de 1966 a 1970. Lá, foi professor de Sociologia; consultor da casa; encarregado da construção da Igreja Santo Inácio e parte do Colégio. Foi, também, vigário paroquial da Paróquia Santo Inácio. Durante esse tempo, foi consultor da Vice Província e revisor das Arcas.

De 1972 a 1976, trabalhou na Cidade Industrial, em Belo Horizonte, onde foi operário na fábrica de metalurgia. Além disso, foi professor de ensino religioso no Colégio Loyola e orientador espiritual do turno noturno do Colégio. Ainda em Belo Horizonte, foi pároco no bairro Lindeia, na Paróquia Jesus Ressuscitado; coordenador da Comissão de Direitos Humanos da Arquidiocese de Belo Horizonte; assistente eclesiástico da Ação Católica Operária e Pastoral Operária,

de 1982 a 1986. Foi pároco também, entre 1987 e 1992, em São Sebastião do Tocantins (TO), e, em 1993, pároco na Paróquia São Sebastião em Montes Claros (MG). Durante esse período, foi o assessor do apostolado social na Província. Em São Paulo (SP), no período de 1994 a 2006, trabalhou no Centro Santa Fé. A partir de lá, acompanhou o apostolado na Região Episcopal Brasilândia, no Jardim Rincão. Foi diretor do Centro Santa Fé e, depois, diretor e administrador do mesmo centro, entre 2002 e 2006.

De 2007 a 2010, foi Vigário Paroquial na Paróquia Sagrada Família, em Marabá (PA). Já no período de 2012 a 2014, foi vigário paroquial na Paróquia São Francisco Xavier, em Belo Horizonte, e, em 2014, na Paróquia Santíssima Trindade, em Santa Luzia (MG). Em 2015 e 2016, esteve em Anchieta (ES), na Residência São José de Anchieta, e colaborou na Paróquia Nossa Senhora da Assunção.

Sua morada nos últimos anos, de 2017 até seu falecimento, em 23 de abril de 2020, foi a Comunidade de Saúde e Bem-Estar São Luiz Gonzaga, em Fortaleza (CE), onde colaborou na paróquia Cristo Rei, ao mesmo tempo em que cuidava da saúde.

Padre Miguel Elosúa era muito apreciado pela sua dedicação ao apostolado social. Faz parte de sua biografia o trabalho como padre operário na Cidade Industrial, em Belo Horizonte, onde era muito estimado. ■



NA PAZ DO SENHOR

PE. ADOLFO NICOLÁS, SJ

Fonte: Cúria Geral dos Jesuítas e site da CPAL

da Residência Internacional Arrupe, em Manila (Filipinas).

Pe. Nicolás foi eleito Superior Geral pela 35ª Congregação Geral em 19 de janeiro de 2008. Oito anos depois, em 3 de outubro de 2016, a 36ª Congregação Geral aceitou sua renúncia. Na ocasião, em representação dos membros da Congregação e em nome da Companhia de Jesus, o Pe. Federico Lombardi dirigiu palavras sinceras ao Pe. Nicolás, agradecendo sua dedicação como Superior Geral. Esse tributo resume o estilo pessoal de exercer a autoridade que o Pe. Nicolás tinha – cheio de carinho, bondade e alegria –, bem como suas inúmeras contribuições como Superior Geral, em consonância com a Companhia e com a Igreja. Como diz Pe. Lombardi, nunca esqueceremos as palavras que Pe. Nicolás repetia constantemente e que nos levaram a renovar a Companhia: universalidade (a de nossa vocação e missão) e profundidade (espiritual e intelectual, pelo bem da nossa missão).

Também sobre as palavras de Pe. Nicolás, Nelson Otaya, colaborador na Província da Colômbia, disse, em depoimento ao site da Conferência de Provinciais na América Latina e Caribe (CPAL), que é possível encontrar nelas sabedoria, profundidade e “uma linguagem que alcançou muito bem as crianças, assim como cientistas e professores do apostolado intelectual, sempre comunicando uma experiência profunda”.

Talvez, a melhor maneira de lembrar o padre Adolfo Nicolás seja por meio da breve oração que ele escreveu após oito dias de Exercícios Espirituais que realizou, em 2011, em conjunto com seu Conselho Geral. Confira a oração que constitui uma excelente síntese de sua pessoa e de sua espiritualidade:



**Oração escrita por
Pe. Adolfo Nicolás**

Essa oração evoca o Pe. Nicolás mais real: um homem sábio, humilde e livre; total e generosamente comprometido com o serviço; comovido com aqueles que sofrem no mundo, mas, ao mesmo tempo, transbordando com a esperança que sua fé no Senhor ressuscitado incutiu nele; excelente amigo, daqueles que amam rir e fazem os outros rirem; um homem do evangelho. É uma bênção tê-lo conhecido. Ao orarmos por sua eterna felicidade com o Senhor, a quem ele serviu tão bem, pedimos que possamos continuar servindo à missão da mesma maneira que ele, com bondade, generosidade e alegria. ■

Padre Adolfo Nicolás, ex-Superior Geral da Companhia de Jesus, faleceu no dia 20 de maio, em Tóquio (Japão). Carinhosamente chamado de Adolfo, ou de Nico, por muitos, padre Nicolás nasceu em Palência (Espanha) em 29 de abril de 1936. Ingressou na Companhia de Jesus em 1953, sendo ordenado sacerdote em 1967.

Enviado em missão para o Japão, foi professor de Teologia, reitor em colégio e Provincial, dedicando-se, posteriormente, ao trabalho social com imigrantes em Tóquio. Por dez anos, ele viveu nas Filipinas, atuando como diretor do Instituto Pastoral do Extremo Oriente (EAPI) e como presidente da Conferência de Provinciais da Ásia Oriental e Oceania. Depois de apresentar sua renúncia como Geral da Companhia, o jesuíta exerceu a função de diretor espiritual da EAPI e

“
**Não tenhamos
medo, vamos juntos
buscar a saída e
confiar que Deus
mostrará o caminho
e se tornará para
nós a esperança”**

Pe. Mieczyslaw Smyda
Provincial do Brasil



JESUÍTAS BRASIL